

A “GUERRA” DAS CASTANHEIRAS (CIONE, FORTALEZA/CE, 1968): UMA EXPERIÊNCIA DE LUTA E A CONSTRUÇÃO DE CONSCIÊNCIAS DE CLASSE

Marcelo Henrique Bezerra Ramos*

Resumo:

Este artigo analisa a experiência das castanheiras operárias da CIONE no período que cerca a greve ocorrida em finais 1968 em Fortaleza, tendo como foco a compreensão dos conflitos ocorridos a partir do desenvolvimento de consciências de classe entre aqueles que construíam a greve ocorrida em plena ditadura civil militar brasileira. Por fim, chegamos ao entendimento que a experiência de luta coletiva através que este grupo de operárias viveu através da greve fortaleceu entre elas consciências de que elas eram um ser coletivo e precisavam se organizar de forma coletivista para o conflito de interesses com o patrão, para garantir conquistas de seus direitos reivindicados.

Palavras-chave: Consciência de classe; Greve da CIONE; Experiências de luta.

Abstract:

This article analyzes the experience of the "castanheiras" workers of Cione in the period around the strike occurred in late 1968 in Fortaleza, focusing on understanding the conflicts that occurred from the development of class consciousness among those who built the strike occurred during the Brazilian civil military dictatorship. Finally, we got to the understanding that the collective struggle experience through which this workers group lived during the strike strengthened among them consciousness that they were a collective being and needed to organize in collectivist form for the interest conflict with the boss, to guarantee achievements of their demanded rights.

Keywords: class consciousness; CIONE Strike; Experiences of struggle.

Recebido: 12/07/2016

Avaliado: 12/09/2016

* Graduado em História (UECE), Estudante de mestrado em História (PPGH-UFF). hbrmarcelo@gmail.com

No primeiro dia elas não entraram, no segundo dia também, no terceiro dia a coisa mudou. O dono da fábrica, Jaime Aquino, juntou o pessoal da capatazia pra se armar de pau e lenha pra botar as mulheres pra trabalhar a força. Foi assim, apitou três vezes [a sirene da fábrica], não entrou ninguém, então eles vieram eles pegaram aquela que era considerada a liderança pra botar à força pra dentro. Aí as operárias foram pra cima! (...) E enquanto isso a menina [a liderança] se soltou e pulou o muro, que era muito alto e ela torceu o pé. Levaram ela pro hospital e as outras foram pro sindicato. Nesse dia chamavam de guerra, não chamavam de greve, **era guerra!**¹ (Entrevista. **Jaime Libério**. 22 fev. 2014)

No dia 6 de dezembro de 1968 o jornal O Povo noticiava em suas páginas policiais que no dia anterior em assembleia geral as operárias da CIONE – Companhia Industrial de Óleos do Nordeste, decidiram dar continuidade a greve, que naquele momento já estava alcançando sua segunda semana, isto após avaliar que a reunião de mediação com o patrão, Jaime Aquino, promovida junto com a DRT – Delegacia Regional do Trabalho – não tinha sido favorável as operárias. O jornal O Povo então debitou a culpa às operárias pela paralisação, chamando-as de “insensatas”, pois não estavam aceitando o proposto pelo proprietário em mediação com o TRT, preferindo manter os “braços cruzados”².

Este artigo reúne alguns resultados prévios de uma pesquisa em desenvolvimento, que já deu origem a um trabalho de monografia³ e está em continuidade como dissertação do Curso de Mestrado em História Social na UFF⁴. É um esforço de trazer para o debate historiográfico um processo de conflito entre classes no período da ditadura civil militar, mais especificamente em 1968, na cidade de Fortaleza, e que, assim como tantos outros, foram silenciados pela repressão e necessitam de maior atenção acadêmica, contribuindo assim para o entendimento da memória do fazer-se da classe trabalhadora na capital do Ceará.

O ramo da extração industrial de óleo da castanha de caju era, na década de 1960, um dos mais produtivos e estava entre os setores que mais impulsionava a incipiente rede industrial cearense. Várias empresas, inclusive multinacionais, estavam se instalando em Fortaleza com o objetivo de explorar a atividade de beneficiamento da castanha de caju. Exemplo maior é a indústria Brasil Oiticica que chegou a empregar milhares de funcionárias na produção, é o que nos relata Jaime Libério⁵, diretor do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração de Óleos vegetais e Animais de Fortaleza (conhecido como Sindicato do Óleo), e na época militante do grupo Ação Popular⁶ (AP).

¹ Entrevista de Jaime Libério concedida a Marcelo Ramos em 22 de fevereiro de 2014

² “Continua greve na CIONE”. Jornal O Povo. Fortaleza. 6 Nov. 1968

³ A esquerda cearense e a greve da cione (1968): experiências, memórias e consciências de classe. Defendido em 2014 como requisito para conclusão do curso de licenciatura plena em História na Universidade Estadual do Ceará

⁴ Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro (Programa de Pós-Graduação em História).

⁵ Jaime Libério tem uma importância fundamental em nossa pesquisa, foi em despretensiosas conversas com ele, nas dependências da Associação Anistia 64-68, em Fortaleza, que despertamos o interesse pela greve da CIONE.

⁶ A Ação Popular era uma organização política de linha marxista-leninista, com origem nas bases da esquerda da igreja, a Ação Católica (RIDENTI, 2010). No Ceará teve grande influência no movimento estudantil e atuação nas fábricas têxteis e de beneficiamento de caju (FARIAS, 2007).

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Segundo Francisco José, o Franzé⁷, a fábrica, na década de 1960, era uma das maiores indústrias do Estado no ramo de extração de óleo a partir da castanha do caju e empregava cerca de dois mil funcionários somente na produção industrial, em sua maioria mulheres, chamadas de “castanheiras”⁸. Era uma indústria nova, fundada em 1962 – mas que só começou a produzir em 1965 – graças a uma política de impulso ao parque industrial do Ceará patrocinado pela SUDENE⁹, que dinamizou o setor no Estado, como nos conta Holanda¹⁰:

A SUDENE investia o dinheiro aqui e a CIONE fazia as melhorias estruturais, as construções, compra de equipamento. Tudo dentro de um cronograma. Os projetos obedeciam a um cronograma de execução. Na proporção que recebíamos os recursos, nós íamos aplicando. A época era um financiamento barato. A contrapartida era abrir aos acionistas. Com os incentivos da SUDENE veio a isenção fiscal de 50%. Recebemos porque estávamos entre os projetos da SUDENE.¹¹

Segundo Franzé, a produção da fábrica em 1968 era de 500 “caixas”, o equivalente a 10 milhões de quilos de castanha de caju sendo processadas em cerca de 400 máquinas¹². Na CIONE, fábrica situada no bairro Antônio Bezerra, em Fortaleza, se aplicava uma das políticas mais corriqueiras por parte da ditadura aos trabalhadores nos finais da década de 1960: o arrocho salarial. Esta política foi construída pelo ministério do trabalho do regime. Uma forma de permitir a maior exploração dos trabalhadores gerando um maior acúmulo de capitais para o desenvolvimento e crescimento industrial pelos empresários.

Finalmente pretendia-se criar um mecanismo de reajuste dos salários que não mais gerasse pressões inflacionárias. Isto implicaria ‘despolitizar’ as negociações salariais, aforando uma fórmula considerada neutra, baseada na recomposição das perdas com a inflação e na incorporação aos salários do aumento da produtividade da economia. Além disso, pretendia-se aumentar flexibilidade da contratação e demissão da mão de obra, substituindo-se as indenizações pagas pelo empregador pelo mecanismo do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), que teria como virtude adicional ser uma fonte de poupança compulsória. Para completar a reforma das relações de trabalho, foi preciso intervir nos sindicatos mais ativos para evitar a eclosão de movimentos grevistas.¹³

A consequência dessa política para os trabalhadores da CIONE foi imediata e profunda. Enquanto os preços continuavam aumentando por conta da inflação, o salário não era suficiente nem sequer para suprir as demandas básicas das famílias que eram sustentadas com o ganho das

⁷ Francisco José, o Franzé, atual diretor administrativo da CIONE, começou a trabalhar na fábrica no início da década de 1970 como “garoto de recados”, passando por vários departamentos do administrativo, até chegar hoje ao cargo de chefia.

⁸ Entrevista de Francisco José concedida a Marcelo Ramos em 01 de julho de 2014

⁹ Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. Criada no governo Juscelino Kubitschek para impulsionar o crescimento da região e diminuir as diferenças regionais no Brasil.

¹⁰ Holanda trabalha desde 1965 até hoje na CIONE como contador, vivenciou a greve e compartilha da visão daqueles trabalhadores administrativos que estavam muito próximos a Jaime Aquino, proprietário da fábrica.

¹¹ Entrevista de Holanda concedida a Marcelo Ramos em 01 de julho de 2014

¹² Entrevista de Francisco José concedida a Marcelo Ramos em 01 de julho de 2014

¹³ PRADO, Luiz Carlos Delorme e EARP, Fábio Sá. Op. cit.

castanheiras. O milagre econômico bradado pelo governo não era tão miraculoso para aquelas operárias. Exemplo disso era o nível de pobreza em que as trabalhadoras da CIONE viviam:

As mulheres desmaiavam. Porque elas não almoçavam. Muitas dessas mulheres ganhavam tão pouco que elas não almoçavam, elas merendavam. Comiam duas bananas e um pão pra tirar um dia inteiro trabalhando. E voltavam muitas vezes no outro dia com o estômago vazio, aí quando entravam na fábrica e sentiam aquela 'nhaca'[mau cheiro], aquela 'catinga' enorme [de castanha], elas desmaiavam. O dono da fábrica e a capatazia dizia que era "esterismo" delas, diziam que era falta de homem!¹⁴

Por entender o potencial e singularidade do protagonismo das mulheres, castanheiras, na construção desta greve no seio de um movimento operário e de uma sociedade em geral tão dominada pelo patriarcado é que dialogamos com o conceito de gênero, traduzido a partir de Cinzia Arruzza, entendendo que,

O que constrói uma mulher é uma mistura de educação, proibições, prescrições normativas, condicionantes que recebe desde o nascimento, e que a transformam em 'mulher'. A condição da mulher altera-se posteriormente pelo efeito de uma opressão, de uma exclusão do poder.¹⁵

Entendemos ainda que as relações de trabalho são permeadas pelas relações de gênero, e que o lugar da mulher na produção industrial empreendida pela CIONE se relaciona com o processo de maior exploração da mulher no mundo do trabalho¹⁶.

Constatamos tanto através da oralidade dos sujeitos entrevistados, contraposto as notícias de jornais da época, o conflito operário na CIONE foi um destes eventos de mobilização operária no Brasil durante 1968, ano de intensas mobilizações sociais. Jaime Libério aponta que em 1968 a greve da COBRASMA, em Osasco-SP, a greve dos canavieiros do Cabo, em Pernambuco, e a greve da CIONE, foram símbolo da resistência operária pelo Brasil:

Foi a única greve do período. Os sindicatos ficavam espantando mosca. Aquilo impressionou, as mulheres iam pra rua com faixas. Iam pro mercado, pra universidade e contavam suas péssimas condições de trabalho. Eu me lembro que foi uma repercussão no Brasil! Teve essa greve, houve uma greve de trabalhadores rurais no Cabo [Greve dos canavieiros do Cabo - PE] e a greve dos metalúrgicos de Osasco [Greve da COBRASMA] A da CIONE foi mais singular ainda pois eram mulheres!¹⁷

Não poucas vezes tanto Jaime Libério, quanto Mária Elódia afirmam que a greve foi espontânea, movida por questões econômicas, com uma clara pauta de reivindicações corporativa: a) aumento dos salários, b) melhoria das condições de trabalho, c) nenhuma punição e prisão as grevistas. Entretanto está colocada também na oralidade a participação de organizações políticas,

¹⁴ Entrevista de Jaime Libério concedida a Marcelo Ramos em 22 de fevereiro de 2014

¹⁵ ARRUZZA, Cinzia. Feminismo e Marxismo. Lisboa: Edições Combate, 2010. p. 87.

¹⁶ SAFIOTI, Heleieth. Gênero, Patriarcado, Violência. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

¹⁷ Entrevista de Jaime Libério concedida a Marcelo Ramos em 22 de fevereiro de 2014

como a Ação Popular – AP, na construção da greve e do movimento como um todo. Neste sentido o processo tomou proporções muito maiores do que esperavam as operárias, que eram as sujeitas principais do processo. Essa portanto é uma síntese da greve da CIONE com outras greves do período, por conta da ausência de grandes movimentações operárias nos anos anteriores, do novo ciclo de lutas e o simbologismo que se criou em torno desses episódios. Como assinala Celso Frederico quando analisa a greve da COBRASMA, em Osasco-SP: “a greve foi um movimento de contestação e resistência à ditadura que ia além do plano meramente econômico-corporativo. E é justamente aí que se situa o nó da questão: o contexto histórico da greve, que por si mesma, não costumar ter.¹⁸” E será é uma discussão fundamental para nós.

As Experiências na Fábrica e Memórias de um Conflito de Classes

A imensa maioria das operárias da CIONE moravam nos bairros da região do Antônio Bezerra e Barra do Ceará, periferia de Fortaleza. “A maioria das operárias moravam pra banda de cá, na região da barra, Jardim Iracema, Quintino Cunha (...) e lá pelo buraco da Gia, nas redondezas da fábrica, onde depois nós fomos morar”¹⁹

Segundo Cristina Carvalheira²⁰, não havia nenhum auxílio no transporte das operárias, as operárias tinham que acordar muito cedo na madrugada para ir a pé para a fábrica, pois na época o transporte público para a periferia era precário.

Nós ficamos hospedados na casa de uns operários que ficava perto da fábrica, a casa era perto do campo de corrida de cavalo, perto do jôquei. A gente saía de casa umas 5h30, e ia andando, levava “umas meia hora” (...) A fábrica não oferecia nada, não oferecia transporte, não oferecia almoço. A gente ia andando e cada uma levava seu almoço e saía pra comer fora. Não tinha vila operária, não tinha creche. Inclusive essa moça com qual eu morava quem ficava com os filhos dela era a mãe dela.²¹

A CIONE era “exemplar” em desrespeitar as condições de trabalho e especialista no abuso a condição das operárias. Em geral as fábricas em Fortaleza não davam boas condições de trabalho para seus operários, eram muitas reclamações e muitos acidentes de trabalho, entretanto, segundo Jaime Libério, sindicalista, conhecia as fábricas do ramo do Caju, a CIONE era a que tinha as condições mais degradantes no momento. A desorganização do movimento operário permitiu que, assim como a CIONE, retirassem direitos e piorassem as condições de trabalho, diminuindo gastos e aumentando a acumulação de capital. A situação cotidiana em que se encontravam as castanheiras nas vésperas da greve é evidenciada por Maria de Fátima, no período an-

¹⁸ FREDERICO, Celso. A esquerda e o movimento operário (1964-1984) – Volume 2: A crise do “milagre brasileiro”. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

¹⁹ Entrevista de Maria de Fátima concedida a Marcelo Ramos em 10 de julho de 2014.

²⁰ Militante da Ação Popular – AP de Recife/PE que foi enviada para Fortaleza para se integrar a produção da CIONE.

²¹ Entrevista de Cristina Carvalheira concedida a Marcelo Ramos em 15 de julho de 2014.

terior a eclosão da greve:

Nós entrávamos muito cedo, a maioria já entrava 6h. Porque era por produção, e todo mundo queria um dinheiro a mais. E eles eram muito exigentes, não tinha muita coisa pra facilitar pra gente mas eram muito exigentes. Se achassem um pedacinho de castanha no meio da casca... um farelinho no meio das cascas que iria pra caldeira, era derramada nos pés da gente pra gente catar. Tinha uns fiscais que eram pagos só pra encontrar os nossos erros. Usávamos essas latas de leite seca cheio de óleo de mamona, um óleo preto, que a gente tinha que tá todo tempo olhando as mãos pra não queimar. Eu tive muita sorte que nunca levei queimadura grave. Lá muitas pessoas queimavam isso aqui [mostrando os braços], sapecava na cara. Eu dei muita sorte. Eu era rápida. Tirava era 40 kilos de castanha. Eles não deixavam misturar as castanhas, queriam só as grandonas separadas. (...) Eles exigiam muito da gente. Você tinha que fazer um trabalho grande pra não ir castanha com pele ou castanha quebrada. Se tive algum problema as castanhas voltavam pra bancada pra agente limpar. Eu lembro que a gente se esforçava muito pra fazer a produção".²²

Em contraste a esse relato, Franzé, atual gerente administrativo da fábrica, que em 1968 ainda não trabalhava na CIONE, mas que diz conhecer toda a história da fábrica garante que

Seu Jaime nunca aceitou que as mulheres fossem de alguma forma exploradas, assediadas moral e sexualmente, coisa que sempre pode existir. Se ele soubesse de algum homem que estava se utilizando de sua função ou seu cargo para tentar de alguma forma tentar tirar proveito de alguma mulher, de uma forma ou de outra, era demissão na certa. Ele não aceitava isso nem em sonho. Ele era muito rigoroso nesse aspecto.²³

A própria investigação dos acórdãos do Tribunal Regional do Trabalho – 7ª Região nos mostra que naqueles anos várias trabalhadoras entraram com reclamações na justiça do trabalho reivindicando seus direitos trabalhistas que não estavam sendo corretamente cumpridos, como no Processo TRT 77/69 Acórdão 94/69 onde Francisca Felix de Sousa reclama o pagamento de indenização por tempo de serviço, férias, 13º e diferença salarial no valor de NCR\$²⁴ 532,45, e aviso prévio pois teria sido demitida sem justa causa quando ficou doente. Neste caso a Justiça do Trabalho determinou o pagamento de NCR\$ 222,70. Mas nem sempre os pareceres eram favoráveis aos trabalhadores, já não bastasse o caráter conservador que a justiça brasileira tinha na época, as intervenções dos governos militares e relação de forças desfavorável para os trabalhadores na briga com os patrões levava a julgamentos que quase sempre beneficiavam os empresários. É o que vemos nos acórdãos 41/49 – processo TRT 57/69 e 12/69 – processo TRT 183/68. No primeiro Cecy Gaspar da Costa entrou com reclamação pleiteando anotação de carteira de trabalho, aviso prévio, 13º salário, férias proporcionais, horas extras e diferença salarial. Neste caso a justiça julgou improcedente a reclamação por não achar suficiente os elementos expostos

²² Entrevista de Maria de Fátima concedida a Marcelo Ramos em 10 de julho de 2014.

²³ Entrevista de Francisco José concedida a Marcelo Ramos em 01 de julho de 2014.

²⁴ O cruzeiro novo (NCR\$) foi uma moeda que circulou transitoriamente no Brasil no período entre 13 de fevereiro de 1967 e 14 de maio de 1970.

pelas testemunhas da reclamante e os laudos periciais realizados. No segundo Francisca Batista de Abreu reclama o pagamento de sessenta e oito centavos por quilo de castanha quebrada mais o pagamento de horas extra, o que é julgado improcedente, pois o TRT aceita a justificativa da CIONE de que a castanha quebrada não tem bom valor de mercado; e em ambos os casos o TRT não avalia procedente o pedido de horas extras, visto que as operárias receberiam por aquilo que fosse produzido.²⁵

O efeito disso era que muitas funcionárias tinham que se afastar um tempo do serviço para poder se recuperar dos ferimentos ou mesmo da pressão que recebiam dos fiscais no processo produtivo, como nos conta a Maria de Fátima:

Era muito artesanal a produção. Usávamos um ferrinho, tinha um cabo de madeira e tínhamos que estar metendo a castanha, tínhamos que cortar bem no meio. Segurando aquele óleo, com aquele leite, mas com a mão oleada. Eu passei muito tempo com uma marca aqui [mostrando as mãos] de tanto segurar castanha. A gente usava aquelas pedras que pegamos no mar pra poder tá limpando e não encardir, tinha que passar limão todo dia nas mãos. Era horrível aquilo queimando! Aonde a gente pegava na castanha ficava, por mais cuidado que você tivesse. Muitas iam para o seguro, passavam 10, 15 dias, porque queimavam. Porque você ficava o tempo todo com o rosto perto da máquina. O óleo sapecava muito em cima da gente. Eu mesma depois de lá tirei 2 anos de licença no INSS por “coisa da cabeça”.²⁶

O fato da AP ter “girado²⁷” militantes, como Maria Elódia e Cristina Carvalheira, para o processo de produção da CIONE e impulsionar a organização das operárias demonstra que havia uma ação coordenada no processo, como o trabalho de base feito por Cristina: “Os encontros eram na fábrica, ou arredor, quando a gente comia fora”. E continua, “Nós viemos para Fortaleza por conta da CIONE, eu já tava escondida, já tinha outro nome. Eu era estudante em Recife e estava começando a ensinar, a ser professora. Eu mudei de profissão, era um encaminhamento, uma política da AP”, explicita Cristina Carvalheira²⁸. Isso não exclui a espontaneidade de todo o processo, o fato de que efetivamente as operárias desencadearam o processo de greve, desde o seu início até a sua manutenção.

“Acho que a greve foi algo assim mais de repente. Foi espontâneo. Claro que o trabalho que foi feito ajudou a explodir, mas acho que mesmo sem o trabalho a greve ia explodir do mesmo jeito, porque a exploração era muito grande. A AP teve alguma influência sobre a construção da greve, mas as condições lá pareciam uma coisa da idade média, eram horríveis, não tinham proteção, nós nos queimávamos todas do pingo da castanha, queimávamos o rosto, queimávamos o braço.”²⁹

Nos maiores e mais qualitativos movimentos da classe trabalhadora organização política,

²⁵ Arquivo do Tribunal Regional do Trabalho (7ª região). acórdão 12/69 TRT 183/68. 28 nov. 1969.

²⁶ Entrevista de Maria de Fátima concedida a Marcelo Ramos em 10 de julho de 2014.

²⁷ Termo que se utilizava quando um militante era destacado para outra tarefa diferente da que ele estava cumprindo, muitas vezes em outra localidade.

²⁸ Entrevista de Cristina Carvalheira concedida a Marcelo Ramos em 15 de julho de 2014.

²⁹ Entrevista de Cristina Carvalheira concedida a Marcelo Ramos em 15 de julho de 2014.

trabalho de vanguarda e espontaneidade das massas não só não são excludentes como são realmente necessários. Como aponta Rosa Luxemburgo, “A greve de massas seria a perfeita tradução da dialética entre organização e espontaneidade, política e economia, ficando o elemento criativo do lado da espontaneidade das massas.”³⁰

E com essa espontaneidade grande parte das castanheiras da CIONE resolveram paralisar suas atividades em finais de novembro de 1968, decretando greve e exigindo negociação imediata da pauta de reivindicações que consistia em melhoria imediata das condições de trabalho (equipamentos de segurança, óleo de mamona virgem) e aumento salarial.

No primeiro dia elas não entraram, no segundo dia também, no terceiro dia a coisa mudou. O dono da fábrica, Jaime Aquino, juntou o pessoal da capatazia pra se armar de pau e lenha pra botar as mulheres pra trabalhar a força. Foi assim, apitou três vezes [a sirene da fábrica], não entrou ninguém, então eles vieram eles pegaram aquela que era considerada a liderança pra botar à força pra dentro. Aí as operárias foram pra cima! (...) E enquanto isso a menina [a liderança] se soltou e pulou o muro, que era muito alto e ela torceu o pé. Levaram ela pro hospital e as outras foram pro sindicato. Nesse dia chamavam de guerra, não chamavam de greve, era guerra!³¹

Maria de Fátima, que estava tendo a sua primeira e uma das poucas, experiências de auto-organização enquanto trabalhadora ressalta muito as dificuldades que era manter a paralisação, por conta dos desafios de lidar com o patrão, com a capatazia, com as operárias que não queriam aderir a greve, a dificuldade que era para muitas manter-se na greve tendo filhos para criar:

A gente não tinha um local pra se reunir não. Era aquele povo na frente da fábrica e aí de manhã cedo vinham aqueles homens do sindicato pra conversar com a gente. O pessoal fazia uma barreira lá para as operárias não entrarem. Conversavam com elas assim: 'ei pessoal, não entram não, vamo se organizar pra melhorar as condições'. As que entravam acho que viam as dificuldades e tinha medo né. Teve vezes que até o Jaime vinha pra frente pra chamar as operárias. Agora na hora de puxar as operárias não era ele não, era os empregados, o pessoal do escritório, eram mais homens, lá não trabalhavam muita mulher. Aí eles faziam aquela presença né, aquela pressão, pras mulher trabalhar! O portão tinha seguranças pra proteger aquelas que queriam entrar. Nós lá querendo que o povo não entrasse e eles lá chamando pra trabalhar. Tinham muitas que queriam até estar com a gente no pensamento, mas não podiam ficar por conta do medo, tinham filhos pra criar, né.³²

Quando entrevistamos Jaime Libério ele estava iniciando a construção de seu livro de memórias, em que entre outras coisas conta a sua vivência na greve da CIONE. Então quando houve a entrevista Jaime estava com uma noção bem organizada cronologicamente do processo da greve. De toda forma, com certeza a posição de sindicalista, de lidar com o processo no sentido mais total dá a ele uma memória mais sistematizada do processo do início ao fim. É o que pode-se entender destes trechos do seu relato, onde expõe o desenrolar da greve, o papel do sin-

³⁰ LOUREIRO, Isabel (org.). Rosa Luxemburgo: Textos Escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2009

³¹ Entrevista de Jaime Libério concedida a Marcelo Ramos em 22 de fevereiro de 2014.

³² Entrevista de Maria de Fátima concedida a Marcelo Ramos em 10 de julho de 2014.

dicato, a auto-organização das operárias, as negociações, e a vivência das operárias em um processo de conflito de classes:

Quando da chegada delas no sindicato nós fizemos uma reunião. Nós tiramos comissões. Foi tirada uma comissão pra providenciar o almoço, foi tirada uma comissão pra ir no Mercado São Sebastião pedir alimento. Tiramos uma turma pra ir no CEU [Centro Estudantil Universitário da UFC] buscar apoio dos estudantes, e tiramos uma comissão pra fazer pedágio na esquina da Ibiapina com Duque de Caxias. (...). Tiravam uma comissão pra ir na delegacia do trabalho junto com o presidente do sindicato. Muitas ficaram no sindicato, umas ficavam conversando, muitas ficavam naquele desânimo por que não tinham o que fazer. O nosso trabalho era animar elas. Pegamos a caixa de som do sindicato e fizemos uma assembleia pra animar elas. Quando todo mundo chegou elas fizeram um painelão de baião de dois pra almoçarmos. (...) Duas mulheres faziam um fogo pra fazer mingau pras crianças, porque não era só uma, eram várias crianças! (...) De tarde se tirava uma comissão pra ir nas outras fábricas entregar um convite para irem a assembleia. Todo dia tinha assembleia. As reivindicações eram: aumento do salário, melhoria das condições de trabalho e nenhuma prisão [que nos transcorrer foi incorporada].³³

Esta foi uma experiência importantíssima para os movimentos de esquerda de Fortaleza em 1968. Num ano que houve intensas mobilizações de rua, protagonizadas pelos estudantes, uma greve operária no fim do ano, quando boa parte das mobilizações já haviam arrefecido e cada vez mais o regime “se fechava” e aumentava a repressão, uma paralisação aparecia como uma oportunidade de escrachar as contradições da ditadura, toda a sua opressão aos trabalhadores, e convocar mais operários a aderir a greve e engendrar força contra o regime e por maiores direitos.

“Foi a Solidariedade de Classe que me Fez Conhecer a CIONE”

A Ação Popular (AP), tinha uma grande inserção junto ao movimento estudantil, nacionalmente dirigia a UNE e grande parte das entidades estudantis universitárias. Essa política de inserção junto ao operariado é o que fez Cristina Carvalheira vir Fortaleza para se incorporar à produção da CIONE e muitos outros estudantes dos seus locais de militância universitário e ir fazer trabalho juntamente aos trabalhadores. Como nos diz Cristina: “essa decisão [da AP] foi tomada um pouco antes, em 1967 essa decisão de integração a produção. Aí uns foram pra fábrica, outros foram para o campo, inclusive depois da fábrica eu fui pro campo”³⁴.

Essa movimentação da AP foi acompanhada de perto pelos aparelhos repressivos da ditadura, como consta neste documento do Estado Maior da Aeronáutica (EMAER), que devido a riqueza de detalhes deve ter sido fruto de trabalho de investigação através de infiltrados, uma tática comumente utilizada pelos órgãos da repressão durante a ditadura:

Em 1967, através de documento divulgado pelo Comitê Nacional intitulado RESOLU-

³³ Entrevista de Jaime Libério concedida a Marcelo Ramos em 22 de fevereiro de 2014.

³⁴ Entrevista de Cristina Carvalheira concedida a Marcelo Ramos em 15 de julho de 2014.

ÇÕES SÔBRE O DEBATE TEORICO E IDEOLOGICO, propôs a todos os militantes da Ação Popular uma transformação ideológica orientada para o marxismo-leninismo. Essa opção, verificou-se apos a realização de uma pesquisa efetuada pelo Comando Nacional da Ação Popular, em que chegou a conclusão que a organização era composta, em sua grande maioria, de militantes da classe estudantil, isto é, provenientes da pequena burguesia. Optou então, a alta direção da Ação Popular, pela mudança da composição social da organização, orientando seus esforços para a captação de quadros operários e camponeses, trabalho esse que vem se ressentindo de grandes dificuldades³⁵.

Maria Elódia, militante da AP, também participou da greve da CIONE a partir da orientação da organização. Mas neste caso ela já era operária, no caso da Fábrica Santa Cecília, indústria têxtil, e foi deslocada para incorporar-se ao processo produtivo da CIONE semanas antes da greve para contribuir com a mobilização devido a seu perfil e origem operária. Mas não foi só inserindo pessoas no processo produtivo que a AP girou seus esforços para a greve da CIONE, durante o processo de mobilização e durante a greve boa parte de seus quadros estudantis ajudaram na logística e agitação política para garantir e expandir a greve. “Os estudantes ligados ao partido fizeram panfletagens, alguns ajudavam a desenhar e escrever o jornal do partido, eles me ajudavam a me deslocar, levavam o jornal para a porta da fábrica”, conta Cristina Carvalheira. Cacau, que era estudante secundarista, diz que também participou das panfletagens em apoio à greve da CIONE:

Fizemos panfletagem sobre a greve da CIONE na Santa Cecília. E as operárias chegaram contando que a polícia tava procurando quem tava panfleteando, aí nós saímos fora. Outra vez eu tava com a Mirtes na Brasil Oiticica e na hora que disseram que tinha polícia nós saímos. O panfleto era um panfleto específico pra greve. (...) Esses panfletos sempre tinham uma linha de crítica a ditadura!³⁶

Para ampliar a relação entre operárias e movimento estudantil, aproveitando-se da grande capacidade de mobilização que os estudantes tinham, e contribuindo para uma maior solidariedade de classe, elemento fundamental para fortalecimento do movimento, eram tiradas comissões de operárias para irem até a universidade convencer os e as estudantes da importância da greve e pedir solidariedade, como conta Cacau:

O pessoal foi ajudar as castanheiras porque elas foram pro restaurante universitário pedir apoio. Elas politizaram né. Na hora do almoço. As castanheiras foram lá pra ganhar os estudantes porque o movimento dos estudantes era mais forte. No movimento estudantil a gente sabia que precisava dos operários porque não dava pra fazer revolução só com estudante.³⁷

³⁵ Arquivo Nacional. BR_AN_BSB_VAZ_040_0066. 1968

³⁶ Entrevista de Maria do Carmo concedida a Marcelo Ramos em 8 de julho de 2014.

³⁷ Entrevista de Maria do Carmo concedida a Marcelo Ramos em 8 de julho de 2014.

As ações de solidariedade e todo o suporte dado por outras organizações e pelos estudantes parece ter ajudado, sobretudo em ajudar as operárias a ganhar confiança e disposição para a greve. Segundo Jaime Libério a greve ainda teve amplo apoio das pessoas em que eles conseguiam conversar na rua, durante os pedágios, e também dos comerciantes do mercado central, que se solidarizavam com as operárias doando alimentos para serem produzidos no sindicato e ajudar a manter a greve concentrada na pressão e negociações. Mas para conseguir vitórias, em meio a um momento de derrotas e repressão, era preciso muito mais.

O Fim da Greve, mas não o Fim da Luta. Valeu a Pena?!

A pressão enorme sobre os ombros de mulheres pauperizadas que além de sofrer com toda a opressão de classe ainda recebiam sobre os ombros a pressão do machismo e do racismo (muitas delas eram negras), que se agudizava somente pelo fato delas se levantarem e irem à luta. Como nos conta Maria Elódia: “A ditadura tinha raiva de mim e todos os operários por isso. Por que ela queria por fina força se impor. Então eles preferiam que quem fosse contra fosse os estudantes, os rapazinhos ricos, que não sofrem. Mas quando entrava uma operária assim como eu eles se preocupavam, pensavam 'olha, já tá atingindo a classe operária!’”³⁸; e Margarida Marques, irmã de Maria de Fátima, que morou anos na frente da CIONE, inclusive na época da greve: “nesse contexto todo o protagonismo todo foi das mulheres, e mulheres negras, há vários recortes importantes. “O grau de perseguição foi muito grande, as mulheres foram muito ousadas”³⁹.

A tática do patronato era sufocar o movimento emperrando as negociações. A ditadura sufocava, cercando o movimento, intimidando, infiltrando agentes, como nos conta Jaime Libério:

O pessoal começou a desconfiar de *dois cara* que estavam nas assembleias do sindicato, que ninguém conhecia. Estávamos desconfiando que eles eram da polícia, eles tinham um rádio grande no ouvido. Nós começamos a cercar eles, mas eles desconfiaram e correram. O pessoal foi atrás. Eles correram até um carro que estava atrás do DNOCS e tinha outro rádio com o qual eles ficavam se comunicando.⁴⁰

Mas a greve não terminou totalmente sem vitórias, após quase duas semanas de paralisação, uma negociação que garantiu o acordo de que nenhuma operária seria demitida e que seriam finalmente tomadas ações para melhoria das condições de trabalho e diminuir os acidentes.

³⁸ Entrevista de Maria Elódia concedida a Marcelo Ramos em 01 de março de 2014.

³⁹ Entrevista de Margarida Marques concedida a Marcelo Ramos em 08 de julho de 2014.

⁴⁰ Entrevista de Jaime Libério concedida a Marcelo Ramos em 22 de fevereiro de 2014.

As conquistas da greve foram as melhorias das condições de trabalho e não demitiram ninguém. Pelo menos naquele momento, um mês depois (após o AI-5) várias foram demitidas. (...) A FAISA⁴¹ disse que quem fosse demitida podia ir pra lá que conseguiam emprego. Lá era menor mas tinha melhores condições de trabalho.⁴²

Mas os ativistas não tiveram muito tempo para fazer uma devida avaliação sobre o fim da greve e dar encaminhamentos de continuidade da luta na fábrica, pois alguns dias após o fim da greve, no dia 13 de dezembro de 1968, foi promulgado o Ato Institucional nº 5 que elevou para um patamar ainda não alcançado naquele momento a repressão e perseguição aos movimentos de oposição. “Depois da Gota D’água do AI-5 uma companheira nossa que estava ajudando na greve foi presa junto com o Presidente do Sindicato”, conta Jaime. Essa companheira que foi presa logo após o AI-5 foi justamente Maria Elódia, “Eu fui presa por conta de todo o movimento da greve, começando por eu ter ido pra fábrica. Foi aí que eu comecei a ser perseguida. Eu fui presa entrando em casa”⁴³, desabafa.

O Desenvolvimento da Consciência de Classe

Trataremos da discussão de classe não como um mero aspecto ideológico ocasionado por uma situação econômica da sociedade capitalista. Queremos aqui trazer a discussão defendida por Meszáros, onde esta consciência se constrói historicamente, tanto através de uma síntese coletiva de relações de conflito, como de experiências individuais que em determinado momento se aproximam podendo até conformar uma plataforma política de reivindicações⁴⁴.

Entendemos que “Tratar a consciência de classe como mera subjetividade e ‘subproduto’ da economia capitalista é uma caricatura de Marx. Esse ponto de vista surge a partir de uma abordagem que substitui o complexo dialético de Marx por um modelo determinista mecânico e unilateral”⁴⁵.

Buscamos entender a partir de Gramsci que a formação da consciência se dá em níveis diferenciados. Este autor apresenta esse processo de “conscientização” a partir de três momentos: um primeiro econômico-cooperativa, mais elementar, onde a solidariedade só atingiria aqueles mais próximos do sujeito que se conscientiza; um segundo momento mais amplamente solidário, ampliando essa rede de interesses entre todos aqueles e aquelas do seu grupo social, que compartilham a sua situação de vida, seus mesmos problemas, buscando assim uma igualdade para todos estes; e um terceiro momento que seria uma consciência propriamente política, pois superaria o círculo corporativo, daqueles que compartilham sua mesma situação, e busca interagir com outros grupos que estão subalternizados, dominados. Nesta fase política há a construção de visão

⁴¹ Libério nos contou também que a FAISA, que era outra fábrica ramo de caju, era dirigida por um simpatizante do PCB, por isso essa política de atração das operárias demitidas pela CIONE no pós-greve.

⁴² Entrevista de Jaime Libério concedida a Marcelo Ramos em 22 de fevereiro de 2014.

⁴³ Entrevista de Maria Elódia concedida a Marcelo Ramos em 01 de março de 2014.

⁴⁴ MESZÁROS, István. Estrutura social e formas de consciência (Vol. I): a determinação social do método. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

⁴⁵ MESZÁROS, István. Filosofia, Ideologia e Ciência Social. São Paulo: Boitempo, 2008.

mais uma “universal” dos problemas e das soluções a serem encaradas, como em uma greve ou numa luta trabalhista, onde os problemas colocados na vida dos operários tendem a se resolver não apenas com soluções específicas e fragmentadas, cada vez mais sistêmicas e articuladas em torno de um projeto⁴⁶. Para nós essa classificação não serve para encaixar as construções das consciências em modelos, pelo contrário, entendemos que a construção de consciências entre a classe se dá de forma coletiva e múltipla, não-linear, com idas e vindas, um processo tão mais complexo na medida que se individualiza na percepção de mundo de cada sujeita.

Mais do que isso, a consciência de classe historicamente só é construída quando a experiência concreta de vivência e associação é colocada à prova em contraposição direta as relações materiais estabelecidas por outro grupo ou classe social. Quando uma classe organiza suas ideias e recursos para opor seus interesses e engendrar luta à outra classe social com interesses distintos dos seus.⁴⁷ Portanto,

Não se trata do que este ou aquele proletário, ou até mesmo do que o proletariado inteiro pode imaginar de quando em vez com sua meta. Trata-se do que o proletariado é e do que ele será obrigado a fazer historicamente de acordo com o seu ser. Sua meta e sua ação histórica se acham clara e irrevogavelmente predeterminadas por sua própria situação de vida e por toda a organização da sociedade burguesa atual.⁴⁸

E para conseguirmos estudar o processo de construção de consciências de classe podemos nesse momento ouvir dos próprios sujeitos suas interpretações sobre a vivência, assim conseguindo interpretar diretamente como se expressa a consciência construída para efetuar tal ação, no caso a greve da CIONE. Por isso a metodologia da história oral se faz tão importante. Para a investigação desse processo histórico e engajamento à luta operária, nos apropriamos das memórias dos sujeitos que vivenciaram a greve em fins de 1968, quando a ditadura militar aumentava a repressão. Para entendermos como se deram os processos de transformação das consciências analisamos a oralidade de operárias, estudantes, militantes de organizações de esquerda, sindicalistas, funcionários administrativos e gerentes da fábrica, tomando como referência teórica a discussão do conceito de Memória Social.

Para Fentress e Wickham é preciso valorizar não só as confluências dos discursos dos sujeitos na lembrança do passado histórico para tornar possível o seu entendimento, como também se apropriar das divergências enquanto elementos significativos do processo cognitivo de recordar. As discordâncias entre narrativas de indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social sobre vivências em comum são, também, ricas oportunidades de se compreender a

⁴⁶ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere (Volume 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 41.

⁴⁷ THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operária Inglesa (Vol. I): A Árvore da Liberdade. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

⁴⁸ MARX, Karl. A sagrada família. São Paulo: Boitempo, 2003.

construção que estes fazem do passado. A memória é o instrumento da consciência humana que dá significado às experiências dos sujeitos no tempo, e o contexto que é vivenciado por um grupo possui reverberações diferentes na vida de cada indivíduo.⁴⁹

A Greve, uma Escola de Transformação de Consciências

As entrevistas que fizemos com vários ativistas que já foram apresentados neste trabalho monográfico demonstramos um pouco dos elementos da consciência que cada um, individualmente, constituiu para levar a uma expressão da consciência e enfrentamento de classes em Fortaleza. Vamos então fazer um panorama destas expressões e chegar a uma conclusão deste trabalho.

De diferentes pontos de vista estas mulheres evidenciam como a no processo de mobilização para a greve, um conflito de interesses de classes, se desenrola um processo de formação de consciência de classe – que não se iniciou com a greve, nem com ela terminou, mas teve na paralisação um momento de intensa transformação. Edward Thompson em *Formação da Classe Operária Inglesa* escreve que um dos elementos que evidenciavam a construção de consciências de classe entre os operários ingleses era o ódio que eles externavam aos seus patrões.⁵⁰ De uma forma semelhante podemos dizer que no processo de superação de uma consciência resignada para uma consciência de classe transformadora, algumas das operárias da CIONE desenvolveram um ódio de classe pelo seu patrão, Jaime Aquino. Isso fica visível quando todas as nossas entrevistadas nos contaram que um episódio marcante da greve foi a derrama de lixo do banheiro no patrão durante os piquetes da greve. "As condições eram tão da idade média que durante a greve uma das operárias jogou uma lata de lixo no dono da fábrica, imagine só! Foi na hora que ele tava passando, uma das operárias na raiva foi e tacou o lixo nele. Eu lembro que eu até fiz um desenho pro jornal dela jogando esse lixo nele", descreve Cristina⁵¹.

A linha seguida pela AP e pelo sindicato era aproveitar a greve para discutir questões mais gerais da economia e da situação social do Brasil, e a partir daí construir uma propaganda do socialismo como alternativa a situação corrente: "A linha da AP era partir dos movimentos específicos para o geral, e da leitura geral partir para o socialismo."⁵² Para Cristina Carvalheira essa metologia estava dando frutos, ela observava que aos poucos as operárias iam chegando a conclusão que o enfrentamento direto com o patrão era a melhor forma de canalizar a revolta

⁴⁹ FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, s.d.

⁵⁰ THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa (Vol. I): A Árvore da Liberdade*. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

⁵¹ Entrevista de Cristina Carvalheira concedida a Marcelo Ramos em 15 de julho de 2014.

⁵² Entrevista de Maria do Carmo concedida a Marcelo Ramos em 8 de julho de 2014.

acumulada pela situação precária. “Aos poucos elas foram percebendo que com a greve elas foram conseguidos melhorias, que a única forma era essa de não aceitar aquela exploração, a forma de lutar. Quando explodiu tinha tanta revolta.”⁵³

Percebemos também que este entendimento não só não era uniforme e linear, como também não foram todas operárias que chegaram a conclusão do confronto. Porém, nem todas as operárias entraram na greve, muitas delas preferiram não participar do movimento pelo receio que tinham de perder o emprego ou mesmo por não concordar em paralisar o trabalho. Esse foi um aspecto preponderante na memória de Maria de Fátima sobre aqueles dias:

Eu acho que muitas operárias não aderiram por medo de perder o emprego. (...) Tinha senhora lá que ficava até com raiva das outras. Tinha até delas que chegava de madrugada para não ser vista pelas amigas. Acabar nem foram reconhecidas, foram botadas pra fora. 'gente não vão ficar contra as operárias não, façam parte, o patrão não tá nem aí, bota pra fora mesmo.’⁵⁴

A disputa ideológica estava aberta dentro da fábrica, só que desta vez as operárias faziam sua voz coletiva insurgir em contraposição ao discurso do “bom operário” amplamente difundido dentro da fábrica. Para Franzé, este sempre foi o diferencial de Jaime Aquino, proprietário da fábrica: estar perto do empregado, conversar “olho no olho”⁵⁵. Maria de Fátima conta que o próprio Jaime Aquino foi para a frente da fábrica, durante a greve, para impedir os piquetes e intimidar aquelas que concordavam com a greve: “Até o dono na época foi pro meio, o velho Jaime. Como que dissesse assim: ‘tô no meio elas vem e vão ficar contra as que não querem trabalhar’. Ele e aquele pessoal que ficava no escritório”⁵⁶. Essa disputa ideológica surtia efeito, sobretudo por que intimidava aquelas que queria paralisar, mas tinham medo de perder o emprego por conta disso.

Vejamos por exemplo o depoimento de Maria Elódia, onde ela nos mostra como a greve foi importante para ela enxergar elementos específicos da luta operária com a luta mais sistêmica, coisa que nem a melhor propagando foi possível de ensiná-la. Se no começo da entrevista ela ressaltava muito o caráter econômico da greve, “A greve não era ‘política’ era por melhores condições de trabalho”, em meados da nossa conversa, quando conversávamos sobre a importância da greve na sua vida e das demais operárias, ela admitia: “Foi naquela greve que eu percebi que eu tava muito envolvida. (...) Depois da greve eu reconheci que a reivindicação dos trabalhadores também era política. Depois da greve da CIONE eu percebi que a luta era muito mais do que

⁵³ Entrevista de Cristina Carvalheira concedida a Marcelo Ramos em 15 de julho de 2014.

⁵⁴ Entrevista de Maria de Fátima concedida a Marcelo Ramos em 10 de julho de 2014.

⁵⁵ Entrevista de Francisco José concedida a Marcelo Ramos em 01 de julho de 2014.

⁵⁶ Entrevista de Maria de Fátima concedida a Marcelo Ramos em 10 de julho de 2014.

as reivindicações. Que existia um sistema que controlava tudo”⁵⁷.

Maria de Fátima categoricamente expressa a greve foi tão fundamental para ela que se hoje tivesse a oportunidade de participar de movimento semelhante ela seria muito mais ativista:

A greve deu mais forças aos direitos da gente, pra não se incomodar tanto. Antes eu ficava pensando, mesmo participando, se aquilo valia a pena. Depois eu tenho certeza que todo mundo que participou se tivesse lá hoje tava lá cobrando seus direitos, tinha mais liberdade, não tinha tanta opressão, tanto medo em cima da gente. Aquele medo de achar que eles tava acima da gente, e agente sem saber se ia ou se não ia né. Mas mesmo com esse medo a gente foi. Tanto que quando a gente voltou agente já tava diferente, eu fui uma que já olhava eles diferente, eu pensava: 'ué, mas eu não fiz nada de errado'. É como se a greve tivesse dado força pra gente. Eu achei que a gente foi muito corajosa. E acho que eles aprenderam também, fosse agora eles davam até transporte pra gente! (risadas). (...) Acho que isso todas as operárias sentiam. Acho que a partir do momento que elas se dispuseram elas acreditaram. Pelo menos ficou esclarecido que a gente tinha como buscar os direitos. (...) Procurar os direitos, até conversar com as companheiras, a gente discutia melhor. [Antes] a gente falava as coisas mas falava com medo. A partir daí a gente tinha controle do que fazer e não fazer. Afinal, a gente não tava ali de favor, né? Com o tempo a gente ia se valorizando mais. Muitas vezes as pessoas eram cobradas dentro da fábrica e fica calada. Aí depois que a gente começa a ver que não é valorizada a gente fica com mais força. Pelo menos eu fiquei.⁵⁸

A greve teve um papel importantíssimo na formação de consciências de classe entre as operárias da CIONE. A greve é causa e, ao mesmo tempo, consequência do processo do desenvolvimento e construção de uma consciência de classe. O processo anterior de formação cultural, política e social pelo qual passaram as operárias em suas vidas familiares, nos bairros e cidades onde moravam, e nos anos anteriores de trabalho foram marcantes para a construção de uma base que diante de uma ação empenhada na organização das operárias forjou uma consciência da necessidade de construir uma luta coletiva. Portanto, concordamos com Rosa Luxemburgo, quando diz que “o proletariado tem necessidade de um alto grau de educação política, de consciência de classe e organização. Não pode aprender todas essas coisas e brochuras ou em panfletos; tal educação ele a adquirirá na escola política viva, na luta e pela luta”⁵⁹.

⁵⁷ Entrevista de Maria Elódia concedida a Marcelo Ramos em 01 de março de 2014.

⁵⁸ Entrevista de Maria de Fátima concedida a Marcelo Ramos em 10 de julho de 2014.

⁵⁹ LOUREIRO, Isabel (org.). Rosa Luxemburgo: Textos Escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2009

Considerações finais

Esta pesquisa busca analisar a greve das castanheiras da CIONE de 1968 inserida no contexto das mobilizações sociais de massa que ocorreram naquele ano em oposição à política de arrocho e repressão patrocinado pela ditadura, destacando aí a organização do movimento operário, com as suas principais expressões de luta e o processo de desenvolvimento de consciências de classe que permitiram a sujeitos com origens diferentes empreenderam luta popular, greve e ação de oposição à ditadura como forma de melhoria das suas condições individuais e coletivas.

Por último inserimos a narrativa da greve das castanheiras da CIONE, ou elas mesmo chamavam: a guerra das castanheiras. Traçamos aí um entendimento de que essa greve teve total relação com os movimentos de contestação do período. O ano de 1968, seu espírito de insurgências e levantes contestatórios pelo mundo inteiro se fundem com a necessidade real de trabalhadoras, moradoras da periferia de Fortaleza, muitas delas de famílias inteiramente operárias, vindas do interior do estado, construíram uma história de luta e organização operária que marcou-se na história da cidade de Fortaleza como um levante de operárias que enfrentaram patrão e ditadura, quando e plantaram esperança, quando esta teimava em resistir à morte.

E concluímos com o entendimento de que este processo de mobilização e greve foi de intensa transformação e construção da consciência de classe entre as operárias. Por razões diversas, de origens diferentes, com percepções políticas e religiosas díspares, forjou-se ali, a partir de uma experiência concreta de um conflito de interesses de classe, uma associação entre trabalhadoras para enfrentar o patrão e conquistar melhores condições de trabalho e de vida.

Portanto, a greve é apenas parte do processo de formação da consciência de classe, nem começo nem fim, apenas um episódio do processo, porém não menos importante como arma de luta instrumentalizada pelas operárias da CIONE para romper o cerco do possível e forjar na luta de classes sua própria história, dando sua contribuição para a história da classe trabalhadora de Fortaleza que não pode deixar de conhecer esse fundamental momento do seu fazer-se.